

DOI: 10.12957/transversos.2021.58111

PAULINA CHIZIANE E A OBRA NIKETCHE: PERSPECTIVISMO
SOBRE A POLIGAMIA EM MOÇAMBIQUE NO PÓS-COLONIAL
PAULINA CHIZIANE AND THE NIKETCHE WORK: PERSPECTIVISM
ON POLYGAMY IN MOZAMBIQUE IN THE POST COLONIAL

Aline da Silva Campos

Universidade Federal do Piauí (UFPI) - Brasil
alinebianca988@gmail.com**Resumo:**

Analisando os discursos dominantes que configuram a imposição de uma identidade a partir da representação que não cabe a ser mulher negra na Literatura, podemos compreender a partir de uma revisão bibliográfica e como objeto de estudo o livro da escritora Paulina Chiziane partir do seu contexto social, vai perceber o devir das mulheres negras e as opressões de gênero em Moçambique nas suas obras. A autora que utilizamos como objeto de pesquisa: Paulina Chiziane, com seu livro Niketche: *Uma história de poligamia* (2001).

Palavra-Chaves: História; Literatura; Mulheres Negras; Gênero.

Abstract

Analyzing the dominant discourses that configure the imposition of an identity from the representation that it is not a black woman's role in Literature, we can understand from a bibliographical review and as an object of study the book by the writer Paulina Chiziane from its context social, will perceive the development of black women and gender oppression in Mozambique in her works. The author we used as research object: Paulina Chiziane, with her book Niketche: *Uma História de Poligamia* (2001).

Keywords: History; Literature; Black Women; Gender.

1. Introdução

Os estudos pelos quais estão colocados a história e a relação da África com a História do Mundo, iremos encontrar na contemporaneidade uma variedade de pesquisas que trazem nossas novas perspectivas. E isso acontece, por um movimento que procura dar sentido e construir em sua composição novos sentidos e epistemologias que propõe preencher as lacunas que a história tradicional não refletiu, a respeito dos sentidos sobre a cosmovisão social de sujeitos marginais aos conceitos eurocêtricos, que durante muito tempo foram colocados como exemplo de verdade absoluta.

O livro *África: as representações e relações de poder*¹ organizado por, Mariana Fonseca e Giovanni Mannarini, é apresentado através de textos bem elaborados de vários autores a reflexão

¹ FONSECA, Mariana Bracks; MANNARINI, Giovanni Garcia. *Áfricas: representações e relações de poder*. Rio de Janeiro: Edições Áfricas/ Ancestre, 2019.

a respeito das relações políticas no continente africano e suas representações em diferentes espaços e temporalidades, sendo fundamental para avançarmos no entendimento das sociedades africanas. Trazem para nós, a complexidade da pesquisa sobre a África e as múltiplas possíveis interpretações sobre o “ser negro”.

Neste momento, trago, em especial, um texto que demonstra como essa luta pelo “ser negro” estereotipado durante muito tempo, foi um determinante na vida de pessoas de cor, sejam os afro descendentes, sejam os próprios africanos. No livro *África*, encontramos o texto *Do Pan Africanismo ao Renascimento africano*, isso para explicar o contexto social, político e econômico que ocorreu na África de 1980 as décadas iniciais de 1990, onde a perspectiva do continente era de pessimismo, guerras, economias em colapso, regimes autoritários.

Em contrapartida, o que se viu na metade da década de 90 foi um continente impactado por influência de uma conjuntura internacional e preocupado com a sua transformação social. Países como EUA, Inglaterra, França, China entre outros preocupados em estabelecer relações comerciais com o continente que de antemão era concebido como “fracassado”. Além dos Estados Unidos, outro país importante neste processo diz respeito à China, que desde o período da Guerra Fria vem atuando no continente africano. Na atualidade, há parcerias com países como Nigéria, Angola, República Democrática do Congo, dentre outros considerados importantes para a obtenção de recursos naturais.

Bem o que queremos enfatizar aqui, é como o movimento Pan Africanismo, durante a Guerra Fria, foi fundamental na influência dos movimentos de libertação nacional, especialmente no que diz respeito ao apartheid na África do Sul; e no modo como os países recém-independentes deveriam se articular regionalmente, como deveriam ser as interações destes, com o mundo que surgia após o fim da Segunda Guerra Mundial, tanto no âmbito político-diplomático, como também no econômico. Já que existia um mundo devastado, tanto no que diz respeito aos países que ganharam a guerra, quanto os países que perderam a SGM².

[...] entravam na segunda metade do século XX enfraquecidos e em declínio. De modo geral, o surgimento do mundo dividido entre Estados Unidos (EUA) e União Soviética (URSS), somado à falta de capacidade por parte das grandes potências europeias em se

² Ver: HOBBSAWM, Eric. *A era dos extremos (1914-1991) – o breve século XX*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995; GENTIL, Anna M. *El león y el cazador: Historia de África Subsahariana*. Buenos Aires: CLACSO, 2012. De acordo com Hobsbawm (p. 314), tanto os Estados Unidos quanto a União Soviética eram favoráveis, ao menos em um primeiro momento, ao fim dos grandes impérios. De acordo com o autor, “[EUA e URSS] tampouco ignoraram o fato de que as duas potências que haviam de fato derrotado o Eixo, os EUA de Roosevelt e a URSS de Stalin, eram ambas, por motivos diferentes, hostis ao velho colonialismo, embora o anticomunismo americano logo tomasse Washington o defensor do conservadorismo no Terceiro Mundo”

manterem fortalecidas no pós-Segunda Guerra Mundial, tornavam-se fatores importantes no processo de desintegração dos antigos impérios. (OTAVIO, 2019: p. 12)

O que acontece é que, o continente africano estava em uma conjuntura de fortalecimento mediante ao movimento, que se tornava importante no que diz respeito ao cenário intenso que se formava em relação aos processos de independência na África. Enfatizamos neste momento, o processo iniciado no séc. XVIII e XIX, a criação do Pan Africanismo em 1945 na Conferência de Manchester - ainda que ocorrido na América, não deixou de apresentar pautas africanas. Pois, se caracterizou em um movimento de luta por melhores condições de vida para a população negra, libertação, e contra a dominação e exploração exercida pela população branca; ainda como, questionamentos severos contra o imperialismo estipulado pelas potências européias no continente africano.

Anselmo Otavio, vem a partir do seu texto falar sobre os ativismos de combate a dominação da Itália na Etiópia, tanto na Europa quanto nos Estados Unidos, eram todos frutos da Diáspora Africana, fator que exemplifica outra característica do Pan-Africanismo, a de ser um movimento nascido e desenvolvido, ao menos inicialmente, fora do continente africano. Em direção a Conferência de Manchester (1945), que tornou as bases do movimento predominantemente de representantes nascidos no continente africano, a articulação de pautas que revogaram antes de tudo as leis racistas e discriminatórias, a abolição do trabalho forçado, a busca por direitos políticos, entre outros; em especial, o ativismo na emancipação e independência das colônias. Tornando esse movimento o principal, na derrubada do sistema colonial.

Paralelamente a especificidade anteriormente apresentada, outra característica importante da Conferência de Manchester diz respeito aos pontos por ela defendidos, destacadamente, a revogação de leis racistas e discriminatórias, a abolição do trabalho forçado, a busca pelo direito ao voto - bem como da igualdade de salários e da assistência médica a todos os cidadãos - e o ativismo na emancipação e na total independência das colônias existentes no continente. Em outras palavras, tais pontos demonstram a principal característica do Pan-africanismo, no caso, a contestação há séculos de exploração realizados pelas potências ocidentais no continente africano. Além de impactar nos movimentos de libertação nacional entre as décadas de 1950 e 1960, se tornando no princípio impulsionador na derrubada do sistema colonial, a contestação também passaria a representar o segundo momento do Panafricanismo, este simbolizado pela criação de iniciativas africanas direcionadas aos desafios existentes no continente durante a disputa Leste-Oeste. (OTAVIO, 2019: p. 13-14)

A questão é como o autor Fredrik Barth dialoga a respeito do poder de nomear. Isso porque, a África em si, é essencialmente um continente que expressa a diversidade e a multiplicidade de etnias e povos que simbolizam em as suas vivências as especificidades

divergentes ao do colonizador. Para Barth, a dominação se articula nas situações de imposições, onde definições categóricas acabam sendo globalizante, baseadas nas tendências gerais de englobar em uma identificação comum, frequentemente baseada num traço pejorativo (raça), os grupos que se percebem culturalmente diversificados. Quando o termo “africano” é colocado para uma diversidade de etnias no período colonial o domínio da identidade é delimitado pelas múltiplas formas de estereótipos, pelos quais os membros de uma sociedade definem as pessoas e as situações.³

Autora como Eliza Larkin Nascimento⁴ organizadora do livro *Afrocentricidade: uma abordagem epistemológica*⁵, estuda os africanos, com base nos trabalhos pioneiros de Cheikh Anta Diop e Molefi K. Asante⁶. Com o objetivo de corrigir as distorções causadas pela ausência desse ponto de vista da história. Esse tipo de abordagem forneceria novas fases de reflexão sobre nosso presente e futuro. Esses estudos surgem em decorrência do processo da tomada da consciência política e dos direitos civis, da população negra que se encontram à margem dos processos históricos norteados pela experiência eurocêntrica.

Esse tipo de estudo torna-se uma afirmação do lugar de sujeitos africanos dentro da sua própria história e experiência. Sendo assim, os Estudos afrocentrados, ou seja, a crítica da dominação cultural e econômica; um ato de presença psicológica e social diante a hegemonia eurocêntrica. O papel dos africanos na História do Mundo, começando nas primeiras civilizações do vale do Nilo, fazem parte de uma diversidade cultural que o mundo ocidental não se preocupou em lidar de forma a não distorcer toda a especificidade que esse continente teve.

³ POUTIGNAT, Philippe e STREIFF-FENART, Jocelyne (Orgs). Teorias da etnicidade: seguido de Grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth. São Paulo: UNESP, 1998.

⁴ É formada em Ciências Sociais, Dr^a. Em Psicologia escolar e do desenvolvimento humano pela Universidade de SP. Diretora presidente do Instituto de Pesquisa e Estudo Afro-brasileiro.

⁵ NASCIMENTO, Eliza Larkin (org). Afrocentricidade: Uma abordagem epistemológica. São Paulo: Selo Negro, 2009.

⁶ Esse “acontecimento dá início a uma série de conflitos acadêmicos e conceituais” que instigam o estadunidense Molefi Kete Asante, cujo o nome de batismo é Arthur Lee Smith, a publicar em 1980 a obra “Afrocentricity: The Theory of Social Change” que contribui no fortalecimento das posições afrocentradas com o conceito de afrocentricidade. Molefi K. Asante é professor e chefe do Departamento de Estudos Afro-Americanos da Universidade de Temple, Estados Unidos.

A afrocentricidade na perspectiva do pensamento filosófico africano Cadernos do NEFI ISSN: 2237-289X 5 Esse trabalho vai analisar o esquecimento da filosofia produzida no continente africano, que conta com 54 países e centenas de etnias, e como que a afrocentricidade tem contribuído para a afirmação do pensamento filosófico na África, desde o Egito antigo até os dias atuais. Cheikh Anta Diop e Molefi Kete Asante são os filósofos que mais contribuíram para a construção do referencial teórico da afrocentricidade. A importância de se fazer essa análise é a de contribuir para uma concepção mais plural do conhecimento valorizando a contribuição dos africanos e desmistificando a visão eurocêntrica a respeito da África, que durante os últimos quinhentos anos se tornou hegemônica.

O que chama atenção é a ideia de uma África fora da realidade marginal. Criticando a dominação cultural e econômica, rejeitando a marginalidade imposta. A decolonialidade do pensamento antropoceno questiona as ideias epistemológicas enraizadas pela experiência patriarcal de uma Europa particularista e patriarcal.

A relevância destes estudos a respeito da África e as diásporas africanas, se faz interessante quando não atendem apenas a uma demanda exclusiva do movimento negro, mas como também da sociedade, tornando-se indispensável para o conhecimento do mundo em que vivemos e do mundo que pertencendo. Resultado do ativismo de educadores, negros e seus aliados, a Lei 10.639/2003, coloca a sociedade brasileira inteira diante da obrigatoriedade de assumir o legado africano como precondição essencial para desenvolver o conhecimento.

É nesse sentido que os estudos acadêmicos decoloniais, promovem de alguma forma o perspectivismo na construção de novas narrativas, se configurando na representação de um grupo de sujeitos e contribuindo para a construção das identidades.

O estabelecimento de uma educação no Brasil, sendo um país, majoritariamente negro, ainda precisamos de possibilidades de narrativas de maneira que a análise do fato, dê possibilidade a compreensão com efeitos de verossimilhança mais próximo da representação que proporcionam o contato a um território obscuro, conhecido na França como a “história das mentalidades”, ou o que os antropólogos descrevem como sistemas culturais. Mas eles não funcionam como janelas transparentes, e o que revelam pode estar tão longe do alcance da experiência da maioria dos historiadores a ponto de parecerem incompreensíveis. A diversificação na construção da educação antirracista, torna-se ponderoso, na criação da Lei 10.639/2003.

Além disso, a historiografia que analisa a literatura, artes, quadrinhos, se torna um espaço para de produção de sujeitos negros. E os desafios que perpassam a trajetória de vida dessas mulheres nos permitem observar uma série de insurgências negras.

Kia Lilly Caldwell permite a percepção sobre a institucionalização de estudos sobre a mulher negra nos EUA nos anos de 1970 e 1980 em foi razão do aumento do número de estudantes negras na graduação e na pós-graduação e ainda autora argumenta sobre a importância de incentivar e dar enfoque à relação entre raça e gênero na academia brasileira também.

O estudo de Lilly Caldwell se volta aos estudos sobre a mulher negra nos Estados Unidos desde o começo da década de 1980 até o presente. Além disso, a apresentação examina o aumento do número de pesquisas acadêmicas sobre a questão da mulher negra no Brasil em anos recentes.

A análise compara as experiências de pesquisadoras e intelectuais negras dos Estados Unidos com as experiências de pesquisadoras e intelectuais negras do Brasil, para aprofundar nosso entendimento das possibilidades e desafios relacionados ao estabelecimento e à institucionalização de estudos sobre a mulher negra nos dois países.

O contexto em que é inserida algumas das experiências da trajetória de vida dos personagens, Paulina Chiziane reflete a experiência pela qual ela também passou e escreveu é de desigualdade social. Conceição Evaristo apresenta que a literatura surge como um espaço privilegiado de produção e reprodução simbólica de sentidos. Explicando que a literatura brasileira até sua contemporaneidade apresenta um discurso que insiste em proclamar em instituir uma diferença negativa para a mulher negra. A representação literária da mulher negra ainda surge ancorada nas imagens de seu passado escravo de corpo-procriador de prazer do senhor. E estes estereótipos são encontrados desde o período da literatura colonial.

Dito isto, busco mergulhar no fazer literário a fim de representar a mulher negra em seus escritos, assim, a mulher negra deixa de ser o corpo do “outro” como objeto a ser descrito, para se impor como sujeito-mulher-negra. A partir da subjetividade própria experimentada como mulher negra da sociedade brasileira. O fazer literário das mulheres negras para além de um sentido estético, busca escrever sobre o movimento que se abriga em todas as nossas lutas. Essas escritoras, segundo Conceição Evaristo, buscam produzir um discurso literário próprio, uma conha-voz a literatura construída nas instâncias culturais do poder.

Pode-se concluir que a escre(vivência) das mulheres negras, encontramos o desenho de novos perfis na literatura brasileira tanto do ponto de vista do conteúdo, como da autoria[...] uma inovação literária se dar profundamente marcada pelo lugar socio-cultural em que essas escritoras se colocam para produzir suas escritas [...] Da condição feminina e negra, nasce a inspiração para os textos. (CONCEIÇÃO, 2005; p.54)

2. NIKETCHE: perspectivas a respeito da opressão de gênero sobre a poligamia em Moçambique pós-colonial.

Paulina Chiziane, é a primeira mulher moçambicana a ter um romance publicado em português, *Balada de Amor ao Vento* (1990), como grande parte de suas obras esse romance transcreve a oralidade africana para seu papel numa mensagem feminina. Chiziane, nasceu no subúrbio da cidade de Maputo, é de família protestante, onde se falavam as línguas chape e ronga e aprendeu a língua portuguesa. Chiziane, tem uma trajetória interessante quando analisamos

sua participação na política de Moçambique como membro do Frelimo⁷, onde militou durante sua juventude.

Vindo de Moçambique local da África por colonização portuguesa, decide analisar em *Niketche: Uma história de Poligamia (2001)*, a própria prática da poligamia na parte sul do seu país, refletindo a desarmonia social que essa prática carrega consigo. O ativismo social de Paulina Chiziane, se refletia muito no que causava incômodo social na sua vida, já que sua revolta era voltada para as formas de relacionamentos e a situação da mulher em seu país e sua movimentação política era justamente contra as formas de configuração do sujeito feminino dentro do tipo de organização social.

Em 2016, anunciou que decidiu abandonar a escrita porque está cansada das lutas travadas ao longo de sua carreira contra a prática de poligamia. Visto que sabemos que as formas que se constituem os saberes são bem marcados dos lugares sociais da qual este pertence. Michel de Certeau se propõe a pensar nesses lugares de poderes. Paulina Chiziane como também é marcada pelas dificuldades que a escrita de mulheres negras dentro de uma supremacia masculina e branca se constitui.

É importante, trazer o pensamento de Louise Conceição Pereira Tanajura em sua dissertação, com o título de *Literatura Negra Feminina, Escrivivências e Reexistência*, quando vem dialogar com a importância do letramento literário. Verificando de que maneira o letramento literário em literatura negra feminina pode se apresentar como um caminho que ajude a construir leitoras e leitores que desenvolvam uma relação positiva com sua identidade negra e se configuram como sujeitos antirracistas em uma perspectiva interseccional, isto é, que considere a problemática das lutas das mulheres negras e sua necessidade, portanto, de políticas específicas.

Quando nos propomos a análise da representação das mulheres negras na Literatura, nos deparamos a um universo que reflete um contexto de grandes discussões que vão desde a formação da diáspora africana até as vivências contemporâneas das sujeitas mulheres negras em todo o mundo. De forma que se conseguíssemos utilizar as simbologias dessas obras poderíamos mergulhar em significados que passam a ser contraposição do antigo discurso de verdade absoluta que nos pegamos à validar em algumas perspectivas.

⁷ Frente de Libertação de Moçambique - FRELIMO, fundou-se em 25 de junho de 1962, que anteriormente tem sua política no comunismo, e marxismo-leninismo. Sendo o único movimento reconhecido que tinha lutado pela independência de moçambique. No seu III Congresso, o movimento decide se transformar um partido de cunho marxista-leninista

Embora os portugueses penetrassem no leste da África Central (Moçambique), era uma região que tinha bastante importância econômica. Moçambique foi fortificado e se tornou a resistência central aos muçulmanos bem como um importante porto de abastecimento para as frotas das Índias. Havia uma forte disputa portuguesa, que a princípio, concentraram-se no comércio do ouro, exportando importantes quantidade para a Índia a fim de pagarem as importações europeias de especiarias e outros bens asiáticos. Importante comentar ainda, sobre a grande disputa religiosa no local, pois havia um conflito entre as missões jesuítas e as muçulmanas.

Paulina Chiziane escreve seus romances deixando marcado uma discussão bem importante sobre como Moçambique se constitui no pós colonização, havendo uma divisão bem marcante do lado islâmico e do lado português. Moçambique, como o Brasil, é um país que abarca várias religiões num sistema constante de transformações. Diante disso encontramos lá o catolicismo, o islamismo, o protestantismo e os cultos ancestrais tradicionais, variando a intensidade de acordo com a região. Esse tipo de relação com o religioso se dá pelo fato da grande mistura cultural encontrada em Moçambique, mudanças ocorridas através da história, de processos sociais e de diálogos entre manifestações de diversas crenças.

A principal questão da obra é trazer as analogias do diálogo plural no espaço da experiência perceptiva e cultural geradora de imagens libertárias da consciência feminina no contexto poligâmico moçambicano. A relevância econômica do país no século passado levou o país a atrair muçulmanos, portugueses, franceses, norte-americanos, espanhóis, cubanos, brasileiros, além de negros livres e escravos. Desta forma, a heterogeneidade do continente africano, no qual os povos falavam línguas diferentes, tradições religiosas e noções de propriedade distintas, valores diversos e vários modos de hierarquização de suas sociedades.

É interessante está pesquisando a representação das mulheres negras na literatura de Paulina Chiziane, pois a autora nos traz a partir do seu romance um dos vários desdobramentos da colonização em Moçambique. Chiziane se refere a poligamia como consequência desta colonização, sempre mencionando a distinção social que obtiveram os papéis femininos, que seriam hierarquizados nesta prática. Sua obra apresenta uma crítica a prática da poligamia no seu país.

Niketché, segundo a cultura africana descrita por André Sampaio o romance Niketché (2021) representa um desses belos exemplos de escrita, pois através de elementos culturais

específicos apresenta a riqueza encontrada em Moçambique e nos leva por caminhos ainda pouco explorados e percorridos.

O país era dividido por práticas tradicionais e práticas herdadas da colônia portuguesa. Rico em descrições, o romance nos traz sensações quase reais, onde os cheiros, as cores, os ambientes e os sentimentos das personagens são relatados de forma concreta e apresentados sem exageros, chegando a uma fórmula perfeita que leva o leitor a fundo no perfil complexo das personagens, relata André Sampaio

Importante trazer autores que também irão conectar os vários encadeamentos que traz para a essa fontes efeitos de verdade, uma verossimilhança que no campo historiográfico sejam significativos para entrelaçar as obras literárias dessas mulheres as teias de significados que personagem como dona *Rami*, no livro da Paulina Chiziane teria sentido dentro da cosmovisão de gênero que dar representatividade a mulher literata discutindo as questões de gênero no seu país, marcado pela práticas que Oyèrónké Oyěwùmí(2004) observa sendo um conceito subordinado aos discursos da supremacia moderna que colonizou até os debates de gênero do século passado.

Oyèrónké Oyewùmí (2004)⁸ traz que a ideia de modernidade evoca o desenvolvimento do capitalismo e da industrialização, bem como o estabelecimento de estados-nação e o crescimento das disparidades regionais no sistema mundial. O período tem assistido a uma série de transformações sociais e culturais. Significativamente, gênero e categorias raciais surgiram durante essa época como dois eixos fundamentais ao longo dos quais as pessoas foram exploradas, e sociedades, estratificadas.

Uma característica marcante da era moderna é a expansão da Europa e o estabelecimento de hegemonia cultural euro-americana em todo o mundo. Em nenhum lugar isso é mais profundo que na produção de conhecimento sobre o comportamento humano, história, sociedades e culturas. Como resultado, os interesses, preocupações, predileções, neuroses, preconceitos, instituições sociais e categorias sociais de euro-americanos têm dominado a escrita da história humana. Um dos efeitos desse eurocentrismo é a racialização do conhecimento: a Europa é representada como fonte de conhecimento, e os europeus, como conhecedores. Na verdade, o privilégio de gênero masculino como uma parte essencial do ethos europeu está consagrado na

⁸ Nascida na Nigéria, Oyeronke Oyewumi estudou na Universidade de Ibadan e na Universidade da Califórnia, em Berkeley. Seu livro *The Invention of Women: Making an African Sense of Western Gender Discourses*[3] ganhou o prêmio *Distinguished Book Award* de 1998 na seção de Gênero e Sexo da Associação Americana de Sociologia e foi finalista para o Prêmio Herskovitts da Associação de Estudos Africanos no mesmo ano. Atualmente, ela é professora associada de Sociologia na Universidade Estadual de Nova York em Stony Brook, onde ministra aulas sobre gênero, globalização e teoria feminista. Desde 2010, faz parte de um grupo internacional de trabalho em um projeto sobre sexo, nação e descolonização na Ásia Central a convite do Centro de Estudos de Gênero da Universidade do Cazaquistão. Disponível em: http://www.desenredos.com.br/25_resenha_1_380.html Acesso em: 15/02/2021.

cultura da modernidade. Este contexto global para a produção de conhecimento deve ser levado em conta em nossa busca para compreender as realidades africanas e de fato a condição humana. (OYEWUMÍ, 2004: p. 1)

Paulina Chiziane descreve através de dona *Rami*, como aquele tipo de relacionamento era algo marcado pelo desconforto no papel da mulher naquela expressão de sociedade que se constituía. Por meio de dona *Rami* e as outras mulheres envolvidas naquela forma que as questões de gênero marcaram a localização das mulheres no contexto comum que cabia aos papéis femininos em Moçambique. A prática da poligamia é para Chiziane uma pauta a ser discutida a zona onde se encontram as mulheres.

meu Tony, que não vejo desde sexta-feira? Onde anda esse homem que me deixa os filhos e a casa e não dá um sinal de vida? Um marido em casa é segurança, e proteção. Na presença de um marido, os ladrões se afastam. Os homens respeitam. As vizinhas não entram de qualquer maneira para pedir sal, açúcar, muito menos para cortar na casaca da outra vizinha. Na presença de um marido, um lar é mais la; tem conforto e prestígio. (CHIZIANE, 2004: p.11)

O seu Tony estava com outras mulheres e logo depois *Rami* expressa isso no seu cotidiano em lidar com a traição do marido, já que os dois mantinham um matrimônio. O mais interessante que percebo nessa obra é como *Rami* é uma mulher revolucionária em conseguir no seu contexto dirigir aquele casamento que estava para acabar. A percepção que a obra traz no sentido de perceber aquelas mulheres negras papéis de protagonismo, da transparência em como a violência machista sujeita mulheres às suas amarras afetivas. E como essas mulheres negras em nome do amor, acaba reforçando a supremacia masculina da escolha.

Rami, que Paulina Chiziane cria dá asas para como as mulheres organizadas conseguem quebrar com uma lógica de submissão que seus corpos estão ligados:

Desde que ele subiu de posto para comandante da polícia e o dinheiro começou a encher as algibeiras, a infelicidade entrou nesta casa. Os seus antigos namoricos eram como chuva miúda caindo sobre os guarda-chuvas, não me atingiam. Agora danço a solo num palco deserto. Estou a perdê-lo. Ele passa a vida a fazer companhia às mulheres mais lindas da cidade de Maputo, que lhe chovem aos pés como diamantes. Vou ao espelho tentar descobrir o que há de errado em mim. Vejo olheiras negras no meu rosto, meu Deus, grandes olheiras! Tendo andado a chorar muito por estes dias, choro até de mais (CHIZIANE, 2004: p. 14-15)

Percebemos como *Rami* carregava aqueles velhos estereótipos também, que marcavam o que havia constituído sua identidade. O que *Rami* acha sobre as outras mulheres, é que são suas “rivais” - expressão que *Rami* usa para se referir às outras mulheres envolvidas com seu marido, o Tony.

Rami, a partir dessa situação com seu relacionamento passa a questionar a si mesma. Rivais até hoje, é um conceito que norteia o imaginário das mulheres que se veem nessa situação de traição perante o amor que sempre foi socialmente construído. Na sociedade contemporânea

ainda vemos mulheres que acabam por criar sentimentos negativos sob outras em decorrência da sua situação social e afetiva. E Chiziane acaba por evidenciar também como essa “rivalidade” entre mulheres pode ser uma construção social.

Nessa perspectiva, André Sampaio irá abordar que Niketche tem como narradora e protagonista Rami, uma mulher que vive sob o signo da infidelidade de seu marido. Uma moçambicana que pensa e age sobre a condição de mulher negra, à margem da sociedade, da família e do casamento. Rami busca seu verdadeiro lugar, refletindo sobre o seu próprio eu, buscando o melhor caminho para lidar com a colisão dos opostos mulher/homem, esposa/amante, monogamia/poligamia, tradição/ruptura, numa dança da existência, na solidão do seu íntimo, cometendo erros e acertos na busca incessante da sua própria identidade.

Pensar Rami como uma representação do que no cotidiano da mulher negra moçambicana enfrentava na sociedade, *Niketche: uma história de poligamia*(2001) tem na sua narrativa a vivência do que enfrentavam as pretas com os estereótipos estipulados aos seus corpos. Conflitos como a ausência paterna que Tony exposto no livro representa nossa sociedade atual, mas ao mesmo tempo a construção social que dava ideia do homem como proteção familiar. Patriarcalismo presente como a construção masculina. “Homem traz proteção” (p.11).

Um desfile de mulheres vem ao meu encontro. Consolam-me. Dona Rami, as crianças são assim. Elas falam das crianças e do vidro partido. E falam também dos maridos ausentes que nem cuidam dos filhos. —Esta falta de ordem é falta de homem nesta casa— desabafo.—O Tony é o culpado de tudo isto. Sempre ausente. Primeiro foi uma noite de ausência, depois outra e mais outra. Tornou-se hábito. Ele diz-me que faz turnos à noite. Que supervisa o trabalho de todos os policiais pois é quando a noite cai que os ladrões atacam. Faço de contas que acredito nele. Mas os passos dos homens são rasto de caracol, não se escondem. Sei muito bem por onde anda. —Não és a única, Rami. O meu marido, por exemplo —diz uma vizinha —. largou-me faz anos e correu atrás de uma menininha de catorze anos, para começar tudo de novo. Um velho que se tornou criança. (CHIZIANE. 2001; p.12)

Dona Rami, desconfia do seu marido. Porém continua com ele, pois existe dentro dessa situação, o que está em jogo é a questão familiar e de integridade da mulher, o respeito de ser uma mulher casada. Se conseguimos compreender Paulina Chiziane compõe a protagonista como uma mulher que resolve as coisas dentro de sua casa, contrapondo a ideia de submissão que as noções da apresentação do homem patriarcal trouxesse como ênfase, dona Rami segue dirigindo o seu lar dentro dos limites que as amarras de gênero estipulasse sob seu corpo:

Deixo o Betinho e vou à rua. O proprietário do carro está bravo como uma fera. Esperava que ele me esganasse, mas nem piou. É daqueles que falam Fino e não agridem a.s mulheres. Aproximo-me e peço perdão em nome do meu filho. Digo-lhe que o meu marido, o Dr. Tony, comandante da polícia, irá resolver o problema. Ele diz que sim.

mas sinto que não acredita em mim. Qual é o homem de bem que acredita nas palavras de uma mui her desesperada?(CHIZIANE. 2004; p,12)

Niketche: uma história de poligamia, traz para nós o retrato mais cruel de como as mulheres se sentem ao serem traídas, como isso as consomem de forma que podem abalar diretamente a saúde mental das mulheres. Gostaria de colocar isso, pois o estudo da dissertação da Claudete Alvez da Silva Souza, *A solidão da mulher negra* (2008) traz pesquisas no sentido de que a solidão da mulher negra na dimensão afetivo-sexual, tem eixo central seu preterimento, enquanto pretendente ao mercado matrimonial, pelo parceiro da mesma etnia. Para o entendimento de tal fenômeno procurou buscar na literatura dados que dessem conta dessa realidade empírica, partindo da concepção sócio-histórica desse sujeito e das implicações a ela correlacionadas.

Trago isso por algumas motivações, a primeira é o quanto nós mulheres negras realmente nos sentimos preteridas dentro dessa sociedade que nos avalia em cor e classe. Como nos sujeitamos a relacionamentos abusivos, que nos divide entre o amor e a razão e nos faz permitir inúmeras mazelas, e o quanto isso pesa ainda mais quando se trata de mulheres negras retintas, com traços mais aproximados aos traços das mulheres africanas. E o que isso tem a ver com a obra da Paulina? O simples fato de que mesmo que no continente africano não se sobressaia a opressão racial tanto como no Brasil e Estados Unidos, essas opressões ainda se intercalam e chega a dona Rami e as outras mulheres retratadas na obra de Chiziane.

Olho para todas elas. Mulheres cansadas, usadas. Mulheres belas, mulheres feias. Mulheres novas, mulheres velhas. Mulheres vencidas na batalha do amor. Viva por fora e mortas por dentro, eternas habitantes das trevas. Mas por que se foram embora os nossos maridos, porque nos abandonam depois de muitos anos de convivência? Por que nos largam como trouxas, como fardos, para perseguir novas primaveras e novas paixões? Por que é que, já na velhice, criam novos apetites? Quem disse aos homens velhos que as mulheres maduras não precisam de carinho? Oh, meu Tony! Queria tanto que estivesses presente. Traz-me de novo a primavera. Onde andas tu, que não me ouves?(CHIZIANE. 2001: p.12,13)

Trazer Claudete Alvez que também pensa o século atual, a respeito dessa discussão, da mesma inspiração que ela quando observou o nosso cotidiano no diz respeito não apenas as questões estruturais, mas também as questões que envolvem a subjetividade dessas mulheres, partindo de uma perspectiva étnico-racial.

Apresentando uma crítica social, do generalismo buscando enquadrar essas mulheres negras em um modelo estereotipado, linear. Não abrindo margem para que elas atuem como protagonistas nem em seus relacionamentos, reforçando a submissão ideológica que o pós colonial trouxe a diversos países. Dona Rami mostra para nós o desejo de afeto, mas também lições inspiradoras:

Amor. Tão pequena, esta palavra. Palavra bela, preciosa Sentimento forte e inacessível. Quatro letras apenas, gerando toques os sentidos lentos do mundo. As mulheres falam de amor. Os homens falam de amor. Amor que vai, amor que vem, que foge, que se esconde, que se procura, que se encontra, que se preza, que se despreza, que causa ódios e acende guerras sem fim. No amor, as mulheres são um exército derrotado, é preciso chorar. Depor as armas e aceitar a solidão. Escrever poemas e cantar ao vento para espantar as mágoas. O amor é fugaz como a gota de água na palma da mão. (CHIZIANE, 2001: p.13)

No início da obra Paulina Chiziane relata o quanto difícil foi a tomada da consciência da personagem Rami em relação às traições de seu marido Tony, o quanto ela e outras mulheres da vizinhança de Rami, se sentiam sozinhas, abandonadas, abaladas.

E pelo contrário, os homens daquela sociedade, levavam suas vidas normalmente, entre puladas de cerca e outras coisas, chegando e saindo do trabalho como se nada estivesse acontecendo de errado. Chiziane também vem nos mostrar através do seu livro, o quanto essa situação pós-colonial em Moçambique para as mulheres era de angústia, isolamento social, uma vida em função da família patriarcal, esquecendo as vezes de si mesmas. Quero deixar claro por aqui, que esta é a minha percepção a respeito da obra.

Ninguém pode entender os homens. Como é que o Tony me despreza assim, se não tenho nada de errado em mim? Obedecer, sempre obedeci. As suas vontades sempre fiz. Dele sempre cuidei. Até as suas loucuras suportei. Vinte anos de casamento é um recorde nos tempos que correm. Modéstia à parte, sou a mulher mais perfeita do mundo. Fiz dele o homem que é. Dei-lhe amor, dei-lhe filhos com que ele se afirmou nesta vida. Sacrifiquei os meus sonhos pelos sonhos dele. Dei-lhe a minha juventude, a minha vida. Por isso afirmo e reafirmo, mulher como eu, na sua vida, não há nenhuma! Mesmo assim, sou a mulher mais infeliz do mundo. Desde que ele subiu de posto para comandante da polícia e o dinheiro começou a encher as algibeiras, a infelicidade entrou nesta casa. (CHIZIANE, 2001: p.14)

Percebo também na sociedade contemporânea a tradição de homens estarem com mulheres apenas quando não tem independência financeira, depois estes ou as traem ou as deixam por mais novas. A traição por outro lado deixa nas mulheres a sensação de sempre acha que é sua culpa, o que aconteceu de errado na relação, na vida a dois e por fim até chegar na traição, de fato. A opressão as coloca numa posição de submissão tão grande que as mesmas não entendem as estruturas e a situação de privilégio dos homens e elas mesmas acabam se auto culpando de tudo.

Uma das grandes questões que quero aqui apresentar é como a personagem de Chiziane traz para nossa História tem um teor revolucionário em questão, mesmo que dentro das limitações das estruturas que o capitalismo traz para as personagens que travam uma guerra entre as estruturas matrimoniais que as envolviam naquela época.

Esse método de escrever romances sobre como se davam os relacionamentos afetivos em seu país. Colocando seis mulheres para se defender, se amarem, serem companheiras umas das outras e colocar o “macho alfa” contra a parede o fazendo assumir todas as mulheres e seus filhos, fruto dos romances paralelos de Tony. Enfatizando ainda mais, os direitos legais que todas as mulheres deveriam dignamente ter, além da “esposa oficial”.

Gosto de pensar também o quanto dona Rami se solidariza com as outras mulheres, que apesar de ter um momento no livro em que todas brigam por causa do Tony, os paramentos do que hoje entendemos por rivalidade feminina não se sobrepõe a conectividade das situações experimentadas por todas as mulheres envolvidas. A solidão, a preterição, a falta de companheirismo de amor e todos esses problemas que os relacionamentos abusivos causam nas mulheres. Chiziane retrata em seu livro, o quanto foi essencial para recuperar a autoestima daquelas mulheres, a união de todas elas, no combate do machismo que ficou impregnado na sociedade de Moçambique pós-colonial.

Niketche é uma dança tradicional africana que fica mais evidente para nós o quanto Paulina Chiziane nos envolve no emaranhado de significados contido em sua obra a respeito do processo de etnogêneses que é marcada na sociedade moçambicana. Niketche é uma dança que simboliza o amor, “A dança no romance vem para mostrar a sensualidade, o erotismo ocultado por tanto tempo num discurso feminino. A dança acaba sendo uma forma de metáfora da existência de Rami, que busca incansavelmente o prazer de estar viva” (SAMPAIO, 2009; p.5)

Niketche, a dança do amor é o mecanismo responsável pela ligação entre passado, presente e futuro. Onde o ritmo e os movimentos misturam o tempo, numa grande representação do inteiro, do todo, do reencontro com o passado, da análise do presente e da projeção do futuro. Niketche, a dança do amor representa o “re-estar” em lugares onde somente a memória pode nos levar. (SAMPAIO, 2009: p. 5,6)

Dona Rami está presa a um relacionamento e a estereótipos que os papéis femininos têm que exercer dentro da sociedade. É interessante também, refletirmos sobre o silenciamento no relacionamento marcado pela submissão do ser feminino. Muitas vezes as mulheres se anulam, silenciam, diminuem para caber dentro relações marcadas pela perspectiva de família nuclear. Nesse sentido, ter um marido/namorado/companheiro é adquirir o respeito socialmente imposto pela sociedade patriarcal. No trecho abaixo Paulina acaba por mostrar na sua obra a diversidade cultural que apenas um país da África tem, fugindo do senso comum que homogeneizou o continente inteiro:

mulheres do sul acham que as do norte são umas frescas, umas falsas. As do norte acham que as do sul são umas frouxas, umas frias. Em algumas regiões do norte, o homem diz: querido amigo, em honra da nossa amizade e para estreitar os laços da nossa

fraternidade, dorme com a minha mulher esta noite. No sul, o homem diz: a mulher é meu gado, minha fortuna. Deve ser pastada e conduzida com vara curta. No norte, as mulheres enfeitam-se como flores, embelezam-se, cuidam-se. No norte a mulher é luz e deve dar luz ao mundo. No norte as mulheres são leves e voam. Dos acordes soltam sons mais doces e mais suaves que o canto dos pássaros. No sul as mulheres vestem cores tristes, pesadas. Têm o rosto sempre zangado, cansado, e falam aos gritos como quem briga, imitando os estrondos da trovoada. Usam o lenço na cabeça sem arte nem beleza, como quem amarra um feixe de lenha. Vestem-se porque não podem andar nuas. Sem gosto. Sem jeito. Sem arte. O corpo delas é reprodução apenas. 36 Homem do sul quando vê mulher do norte perde a cabeça. Porque ela é linda, mutbiana orem. Porque sabe amar, sabe sorrir sabe agradar. Mulher do norte quando vê homem do sul perde a cabeça porque tem muita garra e tem dinheiro. O homem do norte também se encanta com a mulher do sul, porque é servil. A mulher do sul encanta-se com o homem do norte, porque é mais suave, mais sensível, não agride. A mulher do sul é económica, não gasta nada, compra um vestido novo por ano. A nortenha gasta muito com rendas, com panos, com ouro, com cremes, porque tem que estar sempre bela. E a história da eterna inveja. O norte admirando o sul, o sul admirando o norte. Lógico. A voz popular diz que a mulher do vizinho é sempre melhor que a minha (CHIZIANE, 2001: p.36-37)

O continente africano em si, era extremamente diversificado, Moçambique por exemplo, era uma cidade marcada por vários encontros de povos, e de práticas culturais. Quando Chiziane, como é mostrado no trecho, faz esse cruzamento cultural é justamente para nos apresentar essa marca pós-colonial que conduziu o processo de etnogêneses na cidade. O autor Dussel, explica que Olfert Dapper em 1668 apresentava uma visão abrangente do continente. Foi amplamente lido e, de um modo geral, transmitia uma visão complexa que tentava distanciar-se de estereótipos anteriores. Serviu-se de portugueses, holandeses, ingleses, italianos, franceses e espanhóis sob a África.

A diversidade de povos, aparências físicas, vestuário, cor de pele e hábitos, por vezes numa mesma área. O Norte da África e Madagascar eram identificados, respectivamente, com povos brancos e negros, enquanto diversos tons de pele preta, castanha e avermelhada eram associados a diferentes países, por exemplo a Etiópia. Essas diferenças, assim como vimos que Paulina Chiziane retrata também a parte do imaginário construído em torno de Moçambique por parte do seu livro.

3. Considerações finais

Os significados que podemos perceber nessa obra literária escrita por mulher negra faz parte de uma teia de significados que as fontes escritas e a aproximação da História com a Literatura nos permitiu. A interpretação do objeto de análise cabe ao historiador lançar questionamentos e problemáticas antigas traçando um novo panorama pelo qual Paulina Chiziane possibilita pensar as reflexões que marcou a nossa contemporaneidade em conflitos.

Nicolau Sevcenko, quando fala sobre Euclides da Cunha e Lima Barreto, percebe a literatura como uma escrita a denunciar, uma *literatura militante*.

Paulina Chiziane é uma escritora que se propõe a pensar o seu tempo, tornando-se uma representação de sujeito mulher negra da qual propõe a escrita dessas autoras negras, da qual Lilly Caldwell, aponta que surgiram durante os anos 70 e 80 nos EUA e Brasil.

Nessa mesma perspectiva de uma atuação revolucionária perante o contexto político social do seu país, Paulina Chiziane surge como uma revolucionária que atravessou barreiras ideológicas e socioculturais e emergiu com uma literatura que contrapõe a sociedade na escrita. Paulina Chiziane, faz a denúncia da opressão de gênero que as mulheres moçambicanas enfrentam no seu cotidiano trazendo uma nova representação da importância da mulher negra está inserida não apenas nos movimentos políticos, mas também culturais soltando a imagem estereotipada da mulher que foi ancorada nos discursos literários.

Isso se faz interessante para nós, das Ciências Humanas e Sociais por nos permitir a análise do discurso como sendo um mecanismo de pesquisa para a construção de novas análises e perspectivismos nativos que foge do etnocentrismo ocidental em relação às diversas formas de viver, da qual Viveiros de Castro propõe a antropologia atual. Tal como Lilia Schwarcz(1993) nos faz pensar sobre a discussão racialista dentro das instituições e da ciência aqui no Brasil.

Entendendo a negação da matriz africana no Brasil, as antagônicas narrativas que trazem conceitos que não compreendem outra diversidade de sentidos para uma população que foi envolvida no comércio transatlântico em função de um anseio humano tomado pela ganância do lucro em explorar.

Isso se faz presente pois, os conceitos como é o de “gênero”, que usamos concebe a um etnocentrismo que acabou por esquecer outras formas de se viver. Grande parte da vida humana nas mais diversas nações e etnias nativas tinham identidade cultural estabelecidas, mas não aceitamos esse fato, por sermos sujeitos marcados pela ideia de conquistar, dominar o outro. Trazer perspectivas decoloniais faz parte de um posicionamento para traçar novas cosmologias para a construção dos brasis existentes.

Gosto de pensar dessa forma, pois nos ajuda refletir sobre o que a autora Oyeronke Oyewumi analisa, a respeito da dimensão criteriosa pelas quais o gênero não deve ser tomado por seu valor nominal, especificamente quando Oyewumi articula uma crítica das mulheres africana a respeito do gênero; como esse conceito foi concebido no ocidente para também marginalizar

mulheres. Em primeiro lugar, a autora explora as fontes originais dos conceitos feministas, que são o suporte da pesquisa do gênero. E manifesta que, os conceitos feministas estão enraizados sobre a família nuclear.

A família nuclear é instituição social, que constitui a própria base da teoria feminista e representa o veículo para a articulação de valores feministas. Isto é, apesar da crença generalizada entre as feministas que seu objetivo é subverter esta instituição dominada pelos homens e a crença entre os detratores do feminismo, que o feminismo é anti-família; mas isso não pode acontecer pois, só existe feminismo quando o relacionamos com os papéis sociais, pré-estabelecidos no Ocidente, para o Homem e a Mulher. Apesar do fato de que o feminismo se tornou global, é a família nuclear ocidental que fornece o fundamento para grande parte da teoria feminista. Assim, os três conceitos centrais que têm sido os pilares do feminismo, mulher, gênero e sororidade, são apenas inteligíveis com atenção cautelosa à família nuclear da qual emergiram.⁹

Importante pensar dessa forma, pois a autora Ângela Davis permitiu a compreensão do mecanismo de opressão quanto um sistema que segmenta os sujeitos, aderindo definições, impossibilitando a compreensão da pluralidade de perspectivas, já que, Oyeronke Oyewumi reflete sobre outra semiótica, atribuindo outro sentido para a compreensão desses papéis socioculturais do ser feminino, masculino, hierarquização e todo esse conjunto de costumes que traz a concepção da família.

Isso acontece, porque me dirijo através de uma lógica que reflete o sujeito dentro de uma estrutura social, cultural, histórica, econômica, política e conseqüentemente ideológica, já que faço questão de ajudar a construir uma semiótica classista. A historiografia nos permite perceber a construção dos discursos, e como nós, historiadores, cumprimos um papel social, na construção disso, e do que entendemos por memória, a Literatura me permitiu captar a sensibilidade à escrita dessas mulheres, que resistiram no seu tempo a partir do seu lugar social, na hierarquia capitalista eugenista, racista, machista, segmentadora da classe.

É importante mencionar, que a História e a Literatura se aproximou justamente neste contexto histórico, onde as fronteiras se abrem e a historiografia consegue dialogar com outras disciplinas, como a sociologia, psicologia, antropologia, arqueologia, literatura e etc. A

⁹ CONCEITUANDO O GÊNERO: OS FUNDAMENTOS EUROCÊNTRICOS DOS CONCEITOS FEMINISTAS E O DESAFIO DAS EPISTEMOLOGIAS AFRICANAS. 2004.

interdisciplinaridade permitirá que a historiografia amplie seu leque de fontes, transformando-se em uma História problema.

O autor Antônio Celso Ferreira, no seu texto *A fonte Fecunda*, aponta que há uma aceitação dos textos literários como fonte histórica. Mas nem sempre foi assim. Os textos literários passaram a ser vistos pelos historiadores como materiais próprios a múltiplas leituras, especialmente por sua riqueza de significados. Isso se configura quando este tipo de fonte carrega com o universo cultural que se une com os valores sociais e as experiências subjetivas no tempo.

Essa característica da fonte literária permite o acesso às teias de significados que a cultura traz para a compreensão da sociedade. Assim, para interpretar um texto literário é imprescindível compreender o que o particulariza, que seria a expressão, através da escrita. No século XIX, a literatura passou a ser empregada para definir uma atividade que além de incluir os textos políticos, abrangia as expressões escritas.

Segundo a autora Sandra Jatahy Pesavento, que aponta a História como uma ficção controlada, seja pelo método, seja pelas fontes, tal como pelo fato de que lida sempre com o acontecido, embora variem as formas de representar aquilo que aconteceu. A História seria assim, controlada pela relação que estabelece com o objeto. Ela tem como meta atingir uma veracidade sobre o acontecido, que se aproxime o mais possível do passado.

É a História que formula as perguntas e coloca as questões, quanto que a Literatura opera como fonte. A Literatura ocupa, no caso, a função de traço, que se transforma em documento e que passa a responder às questões formuladas pelo historiador. Não se trata, no caso, de estabelecer uma hierarquia entre História e Literatura, mas sim de precisar o lugar de onde se faz a pergunta. (82)

Nesta medida, Pesavento diz respeito a nova questão que nos foi colocada e que abre a discussão central em relação a definição que estabelece com uma grande e nova corrente de abordagem da História Cultural, a do uso da Literatura pela História. A História Cultural, segundo a autora, está em busca do resgate das representações passadas, se almeja atingir aquele reduto de sensibilidades e de investimento primário na significação do mundo.

A literatura permite o acesso à sintonia fina ou ao clima de época, ao modo pelo qual as pessoas pensavam o mundo, a si próprias, quais os valores que guiavam seus passos, quais os preconceitos, medos e sonhos. Ela dá a ver sensibilidades, perfis, valores. Ela representa o real, ela é fonte privilegiada para a leitura do imaginário. Porque se fala disto e não daquilo em um texto? O que é recorrente em uma época, o que escandaliza, o que emociona, o que é aceito socialmente e o que é condenado ou proibido? Para além das disposições legais ou de códigos de etiquetas de uma sociedade, é a literatura que fornece os indícios para pensar como e por que as pessoas agiam desta e daquela forma. (82,83)

Pensando a História, já que é uma disciplina que está presente dentro da sociedade. Precisamos contemplar a profissão do historiador, acima de tudo, como uma função social, dando à História, um papel de construir narrativas que parte de sujeitos que sempre estiveram silenciados, aos moldes da historiografia tradicional. Se entendemos que a História parte com a funcionalidade da construção de narrativas envolvida por camadas de veracidade a partir do uso das fontes, percebemos que os discursos em alguns momentos estiveram revestidos por construções hegemônicas.

Bourdieu (2006), em *O Poder Simbólico*, identifica o “poder das representações” na construção da realidade social, na medida em que podem contribuir na produção daquilo por elas descrito e designado. De acordo com Chartier e Bourdieu as “representações” são construções sociais da realidade, em que os sujeitos fundamentam suas visões de mundo a partir de seus interesses e de seu grupo.

Referências Bibliográficas

- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *O perigo de uma história única*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- BOURDIEU, Pierre. *O Poder Simbólico*. 9ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.
- CALDWELL, Kia Lilly. *A institucionalização de estudos sobre a mulher negra: Perspectivas dos Estados Unidos e do Brasil*. Revista ABPN. Goiânia. v. 1, n. 1, p. 18-27. 2010.
- CARRASCO, Carmen; PETIT, Mercedes. *Mulheres trabalhadoras e marxismo: um debate sobre a opressão*. São Paulo: Editora Instituto José Luís e Rosa Sundermann, 2012.
- COSTA, Renata de Jesus da. *Subjetividades femininas: mulheres negras sob o olhar de Carolina Maria de Jesus, Maria Conceição Evaristo e Paulina Chiziane*. São Paulo. 2007. 161 f. Dissertação (Mestrado em História Social) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2008.
- CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990. _____. *A Beira da Falésia: a história entre incertezas e inquietudes*. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2002.
- CHARTIER, Roger. *A Nova História Cultural existe?* In: LOPES, Antonio Herculano; VELLOSO, Monica Pimenta; PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História e Linguagens: texto, imagem, oralidade e representações*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2006. p. 29-43.
- CHIZIANE, Paulina. *Niketche: uma história de poligamia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- FERREIRA, Alexandre Maccari. *A relevância da literatura como missão histórica*. Revista RILA. Santa Maria, RS. v. 4, n. 1, p. 149-154. 2007.
- FONSECA, Mariana Bracks; MANNARINI, Giovanni Garcia. *Áfricas: representações e relações de poder*. Rio de Janeiro: Edições Áfricas/ Ancestre, 2019.
- FOUCAULT, Michel. *Genealogia del racismo*. Traducción Alfredo Tzveibel. La Plata: Editorial Altamira, 1992.

FROBENIUS, Leo. *A gênese africana: contos, mitos e lendas da África*. Tradução Dinah de Abreu Azevedo. São Paulo: Martin Claret, 2010.

GOMES, Flávio; BARRETO FARIAS, Juliana; XAVIER, Giovana. *Mulheres negras no Brasil escravista e do pós-emancipação*. São Paulo: Seio Negro, 2012.

JESUS, Maria Carolina. *O quarto de despejo: diário de uma favelada*. Ed. 1ª. Rio de Janeiro: Francisco Alves. 1960.

JOHN, Thornton. *A África e os Africanos na Formação do Mundo Atlântico 1400-1800*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.

OYEWUMI, Oyeronke. *Conceituando o Gênero: Os fundamentos eurocêntricos dos conceitos feministas e o desafio das epistemologias africanas*. CODESRIA Gender Series. Dakar, CODESRIA, 2004.

SEVCENKO, N. *Literatura como missão: Tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. São Paulo: Brasiliense. 1999.

ZAMPARONI, Valdemir. *A África e os estudos africanos no Brasil: passado e futuro*. *Cienc. Cult.* [online]. 2007, vol.59, n.2, pp.46-49. ISSN 0009-672.

Sobre a autora:

Aline da Silva Campos:

Possui curso-técnico-profissionalizante em Manutenção e Suporte em Informática pelo Centro Estadual de Educação Profissional Petrônio Portela (2014) e ensino-médio-segundo-grau pelo Centro Educação Profissional Petronio Portela (2014). Tem experiência na área de História, com ênfase em Literatura de Mulheres Negras; Especialização em andamento em Cultura e Literatura (Carga Horária: 424h) - Faculdade Educacional da Lapa, FAEL, Brasil (2020); Especialização em andamento em História e Cultura Afro-brasileira - Grupo Educacional IBRA, Brasil (2016); Graduação em andamento em Licenciatura Plena em História - UFPI, Brasil - Título: A REPRESENTAÇÃO DE SER MULHER NEGRA NA LITERATURA DO SEC.XX: Uma análise de gênero, raça e classe nas obras Niketche: uma história de poligamia (2001); Amada (1987) e Quarto de Despejo: o diário de uma favela (1960) - Orientador: Profº Dr. Mairton Celestino; Bolsista do(a): Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, CNPq, Brasil.

Artigo recebido para publicação em: 2 de março de 2021.

Artigo aprovado para publicação em: 22 de agosto de 2021.

Como citar:

CAMPOS, Aline da Silva. Paulina Chiziane e a obra Niketche para uma crítica de gênero a respeito da poligamia em Moçambique no pós colonial. *Revista Transversos*. Dossiê: Africanizar: resistências, resiliências e sensibilidades. Rio de Janeiro, nº. 22, 2021. pp. 417-436. Disponível em: <<http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/transversos>>. ISSN 2179-7528. DOI: 10.12957/transversos.2021.58111

